

Uma outra voz no caminho
Da Hospedagem à Hospitalidade

Hugo Monteiro¹

Resumo

Em *Pedagogia do Oprimido*, tendo a educação e a cultura como horizonte problemático, Paulo Freire analisa a relação entre consciência oprimida e consciência opressora como uma *hospedagem* alienante, em que o oprimido, hóspede submisso do opressor, renuncia à liberdade na cedência dócil à Economia do Mesmo. Na opressão há uma adesão do oprimido à conjuntura que o oprime e ao carácter inflexível de uma ordem única de Verdade, o que conduz esta hospedagem à pura e simples domesticação monocultural.

Hoje, quase 40 anos depois da publicação de *Pedagogia do Oprimido*, num mundo globalizado e a braços com a crise que afecta pluralmente os espaços público e político, novos moldes de opressão cruzam, de forma inusitada, *a caminhada para uma cidadania multicultural*. Que novos moldes de opressão desafiam o pensamento da Democracia? Como dar voz a um novo coro de oprimidos, ainda hoje apartados dessa *co-pronúncia* do mundo que Freire procurou?

Jacques Derrida, nome fundamental no cenário filosófico contemporâneo, é cultor de uma obra de tom único, em que a cidadania se reescreve na sua emergência. A partir de Derrida, do itinerário cosmopolita da sua desconstrução, o jogo de razões de Cidadania e Cidadão, de Estado e de Direito, de Ética e de Hospitalidade mudam decisivamente o seu rumo. Como ousar buscar uma cidadania multicultural, numa *Ética da Hospitalidade infinita e incondicional*, como pensa Derrida, tão contrária a essa *hospedagem* invasora já criticada por Freire?

A partir de uma Ética da Hospitalidade e da singular reafirmação do espírito do cosmopolitismo levada a cabo por Derrida, a presente comunicação visa incidir sobre a validade contemporânea deste núcleo de questões, com Freire como justo horizonte de (re)leitura.

As palavras que se seguem, alimentadas pelos muitos exílios de que se fazem as viagens do nosso tempo, lançam-se à aventura de outros percursos. Perante alguns momentos da escrita de Paulo Freire, estas palavras propõem-se incidir sobre alguns aspectos da obra de Jacques Derrida, da sua *desconstrução* que toca e *promete* novos rumos para as *viagens* da cidadania, justiça e democracia. Opondo a "hospedagem" conceptualizada por Freire à *Hospitalidade* de Derrida, tentaremos sugerir sumariamente o modo como esta Hospitalidade se afirma como inspiração de uma outra vivência do político, do educativo, do cultural... de todos os cenários renovados por este singular pensamento da alteridade. Da improgramável e improjectável alteridade, por isso mesmo sempre *prometida*.

Hospedagem na relação entre opressor e oprimido

Pedagogia do Oprimido é, desde a sua epígrafe, uma obra prometida. Na sua promessa, vive o projecto de uma libertação, que viaja no trabalho (e no exílio) de Paulo Freire.

¹ ESE - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

O primeiro fôlego dessa libertação consiste em arrancar da obscuridade os laços que unem opressores e oprimidos numa mesma e exclusiva mundividência, em que o Homem vive arredado do direito de ser plenamente e em todas as suas dimensões.

Escreve Freire:

«O grande problema está em como poderão os oprimidos que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora.»²

Freire fala em “hospedagem”. Com este termo, acusa uma domesticação que faz do opressor um vírus instalado no próprio coração do oprimido, como uma violência oculta e indolor. Esta “hospedagem” contamina o oprimido do veneno que lhe dita o estatuto, fazendo-o anfitrião da condicionante da sua própria condição. Para Freire, importaria antes de mais trazer ao oprimido a evidência de sua situação, criando condições para que ele mesmo possa trilhar as vias de sua emancipação. A tarefa da “conscientização” passa pelo radical desenlace do sistema opressor, em que o “medo da liberdade”, afecção comum a opressor e oprimido³, dê lugar à praxis solidária da libertação.

Na superação do binómio opressores-oprimidos está o *parto* de um *homem novo*⁴, cuja novidade passa também pela *boa nova* da sua alteridade. A domesticação, implícita na ideia de “hospedagem”, implica uma violência inaugural, que é a da negação da diferença, expressa no medo da afirmação do Eu e da conseqüente cegueira para a importância da relação, da comunicação, da dignidade singular e irrepitível de cada homem, de cada mulher, no segredo inesgotável da sua alteridade. A “hospedagem” ao se constituir como colonização do outro homem, invalida o parto do “homem novo”, anulando a alteridade consciente e autónoma.

Freire acusa uma hospedagem invasora, que estrangula o ser autónomo e que gera uma violência assente na negação do Outro. Por isto mesmo, envereda por um *programa* de libertação, uma Pedagogia do Oprimido que ultrapasse a “concepção bancária” dos *programas* educativos – das pautas prescritivas – do Opressor. Amar o *homem novo* é amar o diverso da sua novidade, ultrapassando o desamor daqueles que, nas palavras de Freire, “apenas se amam”. Ensaïamos ainda o passo da nossa leitura, mas propomos, desde já, uma variação de tom... um acidente de percurso...

Quanto a nós, ler Freire em toda a sua novidade é também discernir um *programa* inconcluso de libertação. A saída do opressor dessa hospedagem com que ensombrava o oprimido é, para além de uma autonomia a conquistar, a assunção de um ser singular, que só a preservação da diferença permite. É aí que a co-pronúncia do mundo se faz ouvir num coro dissonante, característico de quem *aprende a dizer a sua palavra*. Mas é também, diríamos nós, reconhecer que um programa se apõe e justapõe à impresentificável presença do Outro. O sentido da promessa, patenteado desde a dedicatória de *Pedagogia do Oprimido*, corre o risco de se perder numa certa vocação iluminista, onde a autonomia não cede ao reino indomesticável da heteronomia.

² Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 35ª Ed., Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2003, p. 32.

³ Vd. Idem, *Ibidem*, pgs. 33,34.

É aqui, no terreno sem terra da promessa que a hospedagem pode dar lugar à Hospitalidade: a voz do Outro como uma outra voz no caminho.

Hospitalidade; Hospitalidades

Na linha de Lévinas, a desconstrução de Derrida escreve a *Hospitalidade incondicional*, a *Hospitalidade poética*⁵ cuja eticidade reside no acolhimento total e incondicional do Outro, independentemente do seu nome, raça, credo, identidade ou nacionalidade. Esperar a vinda do Outro, saber escutar a toada imprevisível dos seus passos, é renunciar ao Saber enquanto previsão; neste registo de pensamento, o Outro excede a possibilidade de qualquer programa. Assim é a promessa da Hospitalidade: a abertura e o Sim incondicional à vinda do Outro, em toda a sua *hostilidade* indomesticável – uma *hostilidade* que surge, lembra Derrida, na raiz da palavra *hospitalidade*.⁶

A Hospitalidade é uma questão de Justiça. E enquanto questão de justiça encontra-se forçosamente em convívio com as leis que marcam o seu limite: a tradução das leis de direito que, a um tempo, *traem* e *concretizam* a dádiva da hospitalidade. A Lei incondicional da Hospitalidade e as leis que regulam o acolhimento do outro – que limitam forçosamente a Hospitalidade absoluta – estabelecem um convívio, aporético e necessário. Este convívio entre a anterioridade anárquica e afirmativa da Lei da Hospitalidade com a configuração legal e *oikonomica* das leis de hospitalidade concretiza e põe em jogo – no jogo do tempo e da História – a hospitalidade, no seu carácter necessariamente aporético. O espaço entre a Hospitalidade *sem condições* e as leis de direito que a regulam e limitam é o hiato entre a abertura afirmativa à singularidade do Outro e a preservação das regras da casa própria: as normas de uma instituição, cidade ou estado de direito, o idioma, cultura ou religião que envolvem e subjagam a alteridade do Outro. Aqui se verifica o espaçamento inevitável entre A Hospitalidade absoluta e “uma hospitalidade política e jurídica, estatal e civil, ou seja, regulada pela cidadania”⁷.

Para além de um *programa* ou *manifesto*, a *Hospitalidade incondicional*, como questão de justiça, é da ordem da Promessa.

A promessa giza o compromisso de Derrida, no modo singular como se empenha nesta *viagem* pelos tempos nosso tempo, mudando o registo do que se entende por *engajamento*.

Num tempo em que se tornam visíveis a crise do Estado-Nação e seus sintomas no dia-a-dia das populações; em que o rumo da política internacional revela, vela ou produz vozes outras no coro dos excluídos; quando nas letras dos acordos se reconfiguram fronteiras, e com elas os moldes da sua supressão, transgressão ou violação; na época em que se deformam concepções de violência, terror e terrorismo – urge reafirmar e, ao mesmo tempo, repensar as velhas e sempre novas figuras da Democracia, Cosmopolitismo, Cidadania, Direito à Diferença. A voz de Derrida responde ao apelo de uma nova pedagogia do oprimido, em que a novidade de Paulo Freire se reaviva no novo do nosso tempo, para que o seu *homem novo* ressoe numa democraticidade prometida, aberta ao *por vir*.

⁴ Cf. Idem, *Ibidem*, p. 35.

⁵ J. Derrida, *De L`Hospitalité*, Calmann-Lévy, 1987, p. 10.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 45. Subl. Derrida.

Pugnar por uma cidadania multicultural é reinventar *professando* uma pedagogia do oprimido, afirmando a educação no espaço democrático como uma educação *sem condição* – uma educação prometida e em desconstrução. A Hospitalidade, a Lei da Hospitalidade incondicional tal como a *professa* Jacques Derrida, é bem o desafio de uma democracia, de uma ética, de uma escola *por vir*, aberta ao Outro que vem, na preservação da sua singularidade e diferença, aí onde, como nos ensina Paulo Freire, “dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”⁸. Caminhar para uma cidadania multicultural é saber ouvir, “timpanizar” essa outra voz no caminho que, em todos os espaços do espaço mundializado, reorienta os sentidos de uma errância.

Possa esta lonjura modular os passos da nossa caminhada.

⁷ Fernanda Bernardo, “A Ética da Hospitalidade ou o Porvir do Cosmopolitismo Por Vir”, *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 10, nº 20, Outubro de 2001, p. 385. Subl. da autora.

⁸ Paulo Freire, *Op. Cit.*, p. 78.